



## **LENDO AS HORAS EM DIFERENTES RELÓGIOS: UMA PRÁTICA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO MATEMÁTICO**

**Ana Paula do Valle<sup>1</sup>**  
**Maya Laysa Albuquerque Silva<sup>2</sup>**  
**Neila Tonin Agranionih<sup>3</sup>**

Eixo temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais

### **Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência de duas graduandas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná – UFPR – bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – Pedagogia 3. A prática docente em questão foi realizada pelas acadêmicas com crianças de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental na oficina de matemática que ocorre no contraturno de uma escola municipal Centro de Educação Integral da cidade de Curitiba. Também tem o objetivo de possibilitar às bolsistas do projeto a oportunidade de reverem a própria atuação docente com o intuito de analisar a própria prática tendo em vista a dinâmica processual e reflexiva de avaliação, planejamento e replanejamento da atuação docente presente no subprojeto Pedagogia 3. O trabalho desenvolvido teve como fundamentação o letramento matemático. O trabalho na perspectiva do letramento matemático permite que crianças se envolvam com a função social do número e da matemática na cultura letrada em que nos encontramos. Trabalhar na perspectiva do letramento matemático permite a construção de noções matemáticas no dia a dia e de habilidades que facilitem o cotidiano pelas crianças,

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Pedagogia da UFPR. Bolsista do PIBID -Pedagogia 3. E-mail: [anapauladovalle1996@gmail.com](mailto:anapauladovalle1996@gmail.com)

<sup>2</sup>Acadêmica do curso de Pedagogia da UFPR. Bolsista do PIBID -Pedagogia 3. E-mail: [mayra.laysa.albuquerque@gmail.com](mailto:mayra.laysa.albuquerque@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Orientadora, Doutora Educação pela UFRGS, Professora dos cursos de Pedagogia e Matemática da UFPR. Coordenadora do subprojeto PIBID – Pedagogia 3. E-mail: [ntagranionih@gmail.com](mailto:ntagranionih@gmail.com)



o qual é repleto de atividades, objetos, falas e vivências que envolvem números e operações matemáticas. De acordo com Souza (2010, p.3): “As séries iniciais são responsáveis pela introdução das primeiras noções, [...] e representam a base para conhecimentos futuros que as crianças terão que aprender, e a forma como esses conteúdos são trabalhados na escola pode determinar o sucesso e o insucesso dos alunos nas disciplinas.”

As acadêmicas aplicaram uma sequência didática que tinha como objetivo possibilitar que as crianças compreendessem e se familiarizassem com os números a partir de atividades que envolviam as noções de hora. Além disso, a prática também visava oportunizar que as crianças construíssem conhecimentos matemáticos a partir do contato com algo bastante presente em seu cotidiano – o relógio. Com o intuito de perceber quais seriam os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema da sequência didática, as bolsistas deram início à primeira aula com uma roda de conversa na qual as crianças puderam falar sobre o que sabiam sobre os relógios, enquanto iam sendo questionadas a respeito de sua função, os elementos que os compõe (como os ponteiros, por exemplo), sua importância no dia a dia, e assim por diante. Posteriormente, as crianças foram desafiadas a ler as horas em um relógio digital e em um relógio de ponteiros. Na medida em que as crianças liam e falavam os horários que estavam sendo indicados nos relógios, as bolsistas iam ajustando as horas. Neste momento, as estudantes perceberam que as crianças não apresentavam dificuldades em ler as horas no relógio digital, uma vez que já demonstravam ter a compreensão de que os números que se encontram antes do sinal de dois pontos representam as horas e os que o sucedem simbolizam os minutos. Também nesta parte da aula, as bolsistas tiveram a oportunidade de identificar que grande parte da turma não demonstrava facilidade em ler as horas no relógio de ponteiros, uma vez que as crianças faziam confusão entre os dois ponteiros (discutindo entre si qual estava indicando as horas e qual os minutos) e entre o que estes indicavam e o real significado daquele número (no contexto do ponteiro dos minutos). Por exemplo: se o ponteiro pequeno aponta para o algarismo três, isso significa que são três horas. Se o ponteiro grande, no entanto,



aponta para o algoritmo cinco, ele não está indicando que são cinco minutos, mas sim vinte e cinco. Seriam, portanto, três horas e vinte e cinco minutos. É claro que esta confusão já era esperada por parte das acadêmicas e não fazia parte de seus objetivos o aprendizado destes conhecimentos pelas crianças os quais, até o momento, eram demasiadamente abstratos, mas sim a problematização de como funcionam os relógios e sobre o que comunicam. A seguir, foi proposto que as crianças, estando organizadas em pequenos grupos, tentassem ler as horas em imagens de diferentes relógios. Estas imagens estavam coladas em cartazes e faziam parte de uma tabela que as crianças deveriam preencher coletivamente. Houve um grupo, por exemplo, que recebeu em sua tabela a figura de um relógio analógico no qual o ponteiro menor estava indicando o número dois e o ponteiro maior apontava para o doze. As crianças, após longa discussão, chegaram ao consenso de que o relógio estava mostrando duas horas e doze minutos. Elas desenharam, então, na segunda coluna da tabela, um pequeno relógio digital no qual se podia ler “02:12” e, na terceira coluna, escreveram: “são duas *oras* e doze minutos”. Neste momento, a acadêmica interveio e questionou às crianças o horário que elas achavam que o relógio indicava. Elas responderam “Duas horas e doze minutos”. Ao serem questionadas do sobre porque pensavam assim, uma delas resolveu responder pelo grupo afirmando: - “*É porque esse risco mostra o dois, que são duas horas, e esse aponta pro doze, doze minutos*”. Assim sendo, a bolsista afirmou que, se o ponteiro grande, que indica os minutos, aponta para o doze, isso significa que ele ainda não começou a dar a volta, o que quer dizer que ainda não percorreu nenhum minuto e, por isso, indica zero minutos. Seriam, portanto, duas horas em ponto. As crianças não aceitaram a explicação e seguiram com a convicção de que eram duas horas e doze minutos.

Na segunda aula, juntamente com as crianças, as bolsistas registraram no quadro parte da rotina das crianças na escola com as atividades e aulas que elas tinham nas sextas-feiras e os respectivos horários em que as realizavam. As crianças puderam, assim, perceber que para cada atividade do dia a dia há um tempo específico e determinado anteriormente. O objetivo deste momento foi evidenciar a importância do relógio na



organização das atividades durante o dia. Num segundo momento desta aula, as crianças puderam ir até o quadro para registrarem sozinhas as tarefas que realizariam fora da escola naquele final de semana. Algumas estipularam horários como “12:00” e outras “12:51” . Foi possível perceber que a sequência didática despertou nas crianças uma curiosidade maior na tentativa de leitura das horas em diferentes relógios, bem como contribuiu para a ampliação do repertório das crianças. Além disso, foi notável o fato de que as crianças passaram a falar e ler números que ainda não faziam parte de seu repertório. As crianças também deram um importante passo no que diz respeito à construção da ideia de que os números possuem um significado cultural e social que varia de acordo com o contexto em que está inserido (por exemplo, o número 8 no relógio indica que são 8:00 da manhã e, por isso, significa que está na hora de ir para a escola). A prática realizada levou as bolsistas a refletirem sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças a partir do fato de as crianças ainda não abstraírem o suficiente para ler as horas nos relógios de ponteiros. Além disso, as acadêmicas tiveram a oportunidade de avaliar o próprio trabalho como iniciantes à docência no sentido de perceber o que foi positivo e os desafios a serem superados. Apesar do fato de que as crianças não tenham compreendido e aprendido inteiramente a ler as horas nos relógios (em especial nos relógios analógicos), a prática realizada foi válida no sentido de que possibilitou que a curiosidade delas ficasse mais aguçada no que diz respeito à presença dos números no cotidiano, e também quanto à percepção da função que o número desempenha no contexto em que estão inseridas. Além disso, as bolsistas deram-se conta de que o relógio, que antes era um objeto esquecido no fundo da sala ao qual apenas as professoras davam atenção, passou a ser encantador aos olhos das crianças uma vez que despertou sua curiosidade e atenção fazendo com que elas tentassem descobrir que horas eram e qual atividade estava mais próxima de acordo com a rotina da escola.



**Palavras-chave:** Alfabetização Matemática. Letramento matemático. Medidas de tempo. PIBID.

### Referências

SOUZA, Kátia do Nascimento Venerando de. **Alfabetização matemática:** considerações sobre a teoria e a prática. In: Revista de Iniciação Científica da FFC. Marília: Unesp, 2010.